

COOPERBOM em campo



COOPERBOM PRESENTE!

Parâmetros para a escolha de espécies forrageiras para o estabelecimento de pastagens.

Guardiões mirins do meio ambiente: cultivando hoje os líderes sustentáveis do amanhã.

Quando a Cooperbom enfrentou a Nestlé – e venceu!

Apoia manejo de plantas daninhas em sistemas integrados de lavoura e pecuária.

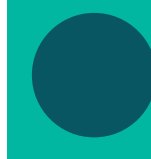


SOMOS A UNIÃO QUE DESENVOLVE O CAMPO.

Nascemos da força coletiva que transforma cooperação em desenvolvimento, que impulsiona a produção agropecuária com assistência técnica, inovação, nutrição animal, genética, sustentabilidade e soluções para as propriedades rurais.

Somos uma das maiores cooperativas captadoras de leite do Brasil, e nossas raízes sustentam o futuro do agro brasileiro.

Há quase oito décadas, cultivamos oportunidades, preservamos tradições e desenvolvemos pessoas.





Fúlvio Cardoso



Carlos Humberto



Enes Fialho

**COOPERATIVA AGROPECUÁRIA
DE BOM DESPACHO**

Av. das Palmeiras, nº 180

Fone: (37) 3521-3131

Contato: secretaria@cooperbom.com.br

**DIRETORIA EXECUTIVA:
(Mandato 2024 até A.G.O. 2028)**

Presidente - Fúlvio de Queiroz Cardoso Neto

Diretor Administrativo - Carlos Humberto de Araújo

Diretor Comercial - Enes Custódio Fialho

CONSELHEIROS ADMINISTRATIVOS:

EFETIVOS: Elda Maria da Silva Alves Santos, Fernando José Ferreira, Itamar Silva, Marco Aurélio Rodrigues Costa, Terezinha Aparecida Rangel Silva, Wilian Diniz da Silva Rezende.

SUPLENTEs: Daniel Luíz de Azevedo, Marciano Isaías Lino, Ricardo Luís Campos.

CONSELHEIROS FISCAIS 2026/2027:

EFETIVOS: Geraldo Elias de Oliveira, Joaquim Geraldo Campos, Maura Lúcia da Costa

SUPLENTEs: Altivo Sérgio Gontijo, Iralva de Araújo, Robson Modesto da Rocha

CONSELHO EDITORIAL:

Fúlvio de Queiroz Cardoso Neto

Carlos Humberto de Araújo

Enes Custódio Fialho

Elda Maria da Silva Alves Santos

David Fragoso

PRODUÇÃO:

Publicação: Cidade's.com Editora de Jornais e Revistas

CNPJ - 51.315.293/0001-37

Editor Executivo: David Fragoso

Fone: (37) 99923-4135

Projeto Gráfico: Central de Ideias - CCPR

Marketing: Anderson Aparecido dos Santos, Gabriel Araújo, Sara Bessas

TIRAGEM: 2.000 EXEMPLARES

Impressão: RONA EDITORA

Os artigos assinados e publicidades não refletem necessariamente a opinião desta revista e são de inteira responsabilidade de seus autores.



PALAVRA DOS DIRETORES.

Julho marca uma das fases mais estratégicas do calendário agrícola. Depois de um primeiro semestre intenso, é tempo de avaliar os resultados obtidos, fortalecer o planejamento e preparar o caminho para uma nova safra. No campo, a experiência ensina que as grandes conquistas começam muito antes do plantio. Elas nascem nas decisões tomadas agora: na análise criteriosa do solo, na escolha das cultivares, na aquisição antecipada de insumos, no planejamento financeiro e na busca constante por eficiência.

A pecuária leiteira segue enfrentando desafios importantes. Custos de produção elevados, margens cada vez mais estreitas e um mercado sensível às oscilações econômicas exigem gestão profissional e tomada de decisão baseada em informações técnicas. Ao mesmo tempo, o inverno favorece a intensificação do planejamento nutricional do rebanho e reforça a importância da produção e do correto manejo das reservas forrageiras para garantir estabilidade produtiva nos meses seguintes.

Nas lavouras, produtores de soja e milho já voltam suas atenções para a safra 2026/2027. É o momento de investir em planejamento, correção e fertilidade do solo, manejo sustentável, agricultura de precisão e diversificação de culturas, estratégias que vêm se consolidando como pilares para reduzir riscos e aumentar a competitividade das propriedades rurais. Em um cenário de custos elevados e maior exigência por eficiência, produzir mais deixou de ser suficiente; é preciso produzir melhor.

Em Bom Despacho e em toda a região Centro-Oeste de Minas, o agronegócio continua demonstrando sua capacidade de adaptação. Mesmo diante das incertezas econômicas e climáticas, produtores rurais seguem investindo em tecnologia, inovação e qualificação, fortalecendo uma atividade que movimenta a economia, gera empregos e contribui diretamente para o desenvolvimento regional.

Nesta edição, a Cooperbom em Campo apresenta conteúdos voltados à gestão, à inovação e ao fortalecimento do cooperativismo, reafirmando o compromisso da Cooperbom em caminhar ao lado de seus cooperados. Mais do que fornecer produtos e serviços, a cooperativa busca compartilhar conhecimento, incentivar boas práticas e contribuir para que cada propriedade esteja preparada para os desafios e as oportunidades da próxima safra.

Que este seja um período de planejamento consciente, decisões estratégicas e confiança no futuro. Afinal, no campo, quem se prepara hoje colhe os melhores resultados amanhã. Boa leitura!



GESTÃO QUE GERA RESULTADOS.

Sete meses após contar sua trajetória de vida à Cooperbom em Campo, Clóvis Sérgio Rodrigues abre novamente as portas da Fazenda Santa Rita, em Moema, para mostrar como planejamento, tecnologia e gestão vêm transformando desafios em oportunidades na pecuária leiteira.

Em novembro do ano passado, a Cooperbom em Campo esteve na Fazenda Santa Rita para conhecer a história de Clóvis Sérgio Rodrigues. Na ocasião, o produtor compartilhou sua trajetória de vida, marcada pelo trabalho, pela perseverança e pela construção de uma propriedade sólida ao lado da família. Agora, sete meses depois, a reportagem retorna à fazenda para acompanhar uma nova etapa dessa caminhada: os investimentos realizados, as mudanças implantadas e a visão de gestão que tem tornado a atividade cada vez mais eficiente e preparada para o futuro.

Para Clóvis, produzir leite exige muito mais do que dedicação ao rebanho. Exige planejamento, capacidade de adaptação e, principalmente, gestão. Segundo ele, a atividade leiteira impõe desafios diários, tornando indispensável acompanhar de

perto os custos de produção e buscar, continuamente, formas de tornar a propriedade mais eficiente e competitiva.

"Todos os dias surge um desafio diferente. Precisamos observar onde podemos melhorar, onde é possível reduzir despesas e aumentar a eficiência. Muitas vezes, são justamente os pequenos detalhes que fazem a diferença no resultado final", afirma.

Um dos principais investimentos realizados recentemente foi a implantação de um sistema de irrigação (**foto a direita**). O projeto nasceu da necessidade de garantir maior oferta de alimento ao rebanho durante todo o ano, reduzindo a dependência das condições climáticas e proporcionando maior estabilidade no custo da alimentação, um dos principais componentes da atividade leiteira.

Outro avanço importante foi a divisão

do rebanho em lotes de produção. A estratégia permite adequar a alimentação ao desempenho individual das vacas, evitando desperdícios de concentrado e aumentando a eficiência nutricional.

"Não faz sentido oferecer a mesma quantidade de ração para animais que produzem volumes diferentes de leite. Quando dividimos os lotes, conseguimos fornecer exatamente o que cada vaca precisa. É uma medida simples, mas que gera economia e melhora os resultados."

Nesse processo, Clóvis destaca a parceria com a Cooperbom. Mensalmente, a propriedade realiza o controle leiteiro com equipamentos disponibilizados pela cooperativa. A partir dessas informações, o zootecnista Elias elabora as dietas e acompanha a divisão dos lotes, permitindo que as decisões sejam



Foto: David Fragoso

tomadas com base em dados concretos. "A gente trabalha sabendo quanto cada vaca produz e o que ela precisa consumir. Isso faz toda a diferença."

Outro investimento que trouxe resultados expressivos foi a modernização da recria das bezerras. O antigo sistema, mais exposto às condições climáticas, deu lugar a casinhas individuais **(foto na página seguinte)**, proporcionando mais conforto, higiene e proteção aos animais.

Segundo Clóvis, os benefícios apareceram rapidamente. Houve redução significativa dos casos de diarreia e pneumonia, diminuição do uso de medicamentos e melhora no desenvolvimento das bezerras. "Foi um investimento relativamente simples, mas que trouxe um retorno muito grande. Hoje temos animais mais saudáveis, manejo mais prático e um desenvolvimento muito melhor."



Foto: David Fragoso



Foto: David Fragoso

AS PESSOAS FAZEM PARTE DA ESTRATÉGIA:

Além da tecnologia e da infraestrutura, Clóvis acredita que o maior patrimônio da Fazenda Santa Rita continua sendo as pessoas. Para ele, administrar uma fazenda é administrar uma empresa, mas sem abrir mão das relações humanas.

"O colaborador precisa trabalhar em boas condições, ter qualidade de vida e sentir que faz parte do projeto. Aqui procuramos construir uma relação de confiança. Gosto de pensar que somos uma família trabalhando pelo mesmo objetivo."

Na avaliação do produtor, a sustentabilidade econômica da pecuária leiteira depende justamente desse conjunto de fatores: investimentos bem planejados, controle rigoroso dos custos, adoção de tecnologias que tragam

retorno financeiro e valorização das pessoas que fazem o trabalho acontecer diariamente.

"Quem trabalha com leite sabe que não existe receita pronta. O segredo é evoluir um pouco a cada dia, sempre buscando fazer melhor do que ontem."

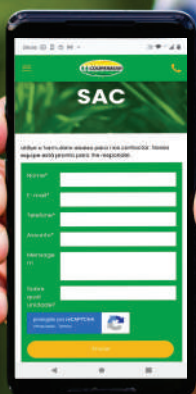
Na Fazenda Santa Rita, a história construída ao longo dos anos continua sendo escrita diariamente, agora com um olhar cada vez mais voltado à gestão, à inovação e à eficiência. Para Clóvis, o futuro da pecuária leiteira passa pela capacidade de unir experiência, tecnologia e pessoas em torno de um mesmo propósito. Uma demonstração de que, no campo, grandes resultados são construídos por meio de planejamento, decisões consistentes e evolução contínua. ●



Foto: David Fragoso

SAC

Serviço de Atendimento ao **Cooperado**



✓ Reclamações

✓ Sugestões

✓ Elogios



Fale conosco:

www.cooperbom.com.br/sac

Nós estamos aqui para ouvir você!



  | cooperbom.coop
www.cooperbom.com.br

PARÂMETROS PARA A ESCOLHA DE ESPÉCIES FORRAGEIRAS PARA O ESTABELECIMENTO DE PASTAGENS.

Parte 2.



**ADILSON DE PAULA
ALMEIDA AGUIAR**

Zootecnista e Professor

Na parte 01 deste tema, publicada na edição de junho de 2026, descrevi parâmetros para a escolha de forrageiras e concluí o artigo assim: “Como eu sei que, para a maioria das pessoas envolvidas na atividade, é difícil aceitar que não há diferenças significativas de qualidade e produtividade de forragem, na parte 02 aprofundarei esses temas.”

Sempre foi dada muita ênfase a esses parâmetros por pecuaristas e técnicos, porque, de fato, a qualidade da forragem determina o desempenho individual dos animais, enquanto a produtividade de forragem e, consequentemente, a capacidade de suporte (CS) da pastagem determinam a taxa de lotação (TL). Assim, a associação entre maior desempenho individual e maior TL refletirá na produtividade da pastagem.

As empresas que produzem e comercializam

sementes e mudas de forrageiras, conhecendo a forma como o pecuarista e muitos técnicos pensam, dão ênfase a esses parâmetros em seus materiais de propaganda. Até mesmo pesquisadores de empresas públicas de pesquisa os exaltam no lançamento de novos cultivares.

Acredita-se que esses parâmetros sejam determinados pelo genótipo, que é “a soma de todos os genes de um indivíduo — o seu potencial ou mérito genético, da qual seus descendentes receberão uma amostra aleatória”. Qualquer característica manifestada é denominada, em melhoramento genético, de fenótipo, isto é, “a aparência ou a capacidade produtiva de um indivíduo; a expressão visível ou mensurável das várias características que o constituem”. Uma característica pode ser classificada como qualitativa, como as características botâ-

nicas, ou quantitativa, como as características produtivas da forrageira, sendo estas últimas as que nos interessam neste artigo.

Independentemente da característica em questão, ela é a expressão da herança genética transmitida pelos antepassados do indivíduo, o genótipo, em determinado ambiente, e da interação entre genótipo específico e ambiente específico. O peso do genótipo na expressão do fenótipo tem sido quantificado pelo parâmetro herdabilidade, termo usado para descrever a força da herança na determinação das diferenças entre indivíduos para uma característica.

A herdabilidade indica o grau em que o fenótipo representa o genótipo e é classificada como baixa, quando abaixo de 0,25 ou 25%; média, quando entre 0,25 e 0,5 ou 25% a 50%; e alta, quando acima de 0,5 ou 50%.

Pois bem, qual é a herdabilidade para as características que determinam qualidade e produtividade de forragem? É baixa! Ou seja, as diferenças de qualidade e produtividade entre diferentes espécies forrageiras, e também

dentro de uma mesma espécie, são mais devidas ao meio ambiente — leia-se aqui manejo — do que ao genótipo.

Mas não existem mesmo diferenças entre forrageiras para esses parâmetros? Os novos cultivares não são superiores aos tradicionais? Existem, sim, mas são pequenas. Há mais diferenças provocadas pelos ambientes e pela interação genótipo/ambiente do que propriamente pelas diferenças entre genótipos. Os dados das tabelas 1, 2 e 3 dão suporte a essas conclusões.

Por 22 anos, entre 1998 e 2020, integrantes do Grupo de Estudos e Trabalhos em Pasto (GET) compararam os cultivares Mombaça, Tanzânia e Tifton 85 na fazenda escola das Faculdades Associadas de Uberaba (FAZU), em pastagens intensificadas. Na Tabela 1 estão os valores médios de quatro anos de avaliações para indicadores que refletem os parâmetros qualidade, dada pelo ganho médio diário (GMD), e produtividade de forragem, expressa em toneladas e quilos de matéria seca por hectare e em taxa de lotação.

Tabela 1 – Indicadores de qualidade e produtividade alcançados em pastagens intensificadas entre os anos de 1998/1999 e 2002/2003, manejadas em pastoreio de lotação rotativa.

Forrageira	MF PRÉp (t MS/ha) ¹	MF PÓSp (t MS/ha) ²	TAF (kg de MS/ha/dia) ³	TL (UA/ha/ano) ⁴	GMD (kg/dia) ⁵
Tanzânia	5,1	2,6	86	5,3	0,63
Mombaça	5,0	2,2	81	5,0	0,61
Tifton 85	5,7	2,6	85	5,9	0,55

¹MFPRÉp (t MS/ha): massa de forragem no pré-pastejo em tonelada de matéria seca por hectare; ²MFPÓSp (t MS/ha): massa de forragem no pós-pastejo; ³TAF (kg MS/ha/dia): taxa de acúmulo de forragem em quilo de matéria seca por hectare por dia; ⁴TL (UA/ha): taxa de lotação em unidade animal por hectare; ⁵GMD (kg/dia): ganho médio diário apenas com suplementos minerais.

Estas produtividades foram alcançadas em um ambiente com temperatura média anual de 23 °C (20 a 25 °C, entre mínima e máxima); 1.670 mm de precipitação anual (1.261 a 2.033 mm entre mínima e máxima); 357 kg/ha de N, 80 kg/ha de P₂O₅, 184 kg/ha de K₂O e 43 kg/ha de enxofre na média dos quatro anos.

Fonte: RESENDE; AGUIAR, 2004.

Os dados apresentados na Tabela 1 mostram diferenças muito pequenas entre os três cultivares para todos os indicadores avaliados. O Tifton 85 apresentou ligeira superioridade em taxa de lotação, enquanto Tanzânia e Mombaça obtiveram ganhos médios diários discretamente superiores. Entretanto, essas diferenças são insuficientes para justificar a substituição de uma espécie por outra apenas sob a ex-

pectativa de maior produtividade ou melhor qualidade da forragem.

Situação semelhante foi observada em estudos comparando o híbrido **Convert HD 364 (Mulato II)** com seus progenitores. Os resultados, apresentados na Tabela 2, também evidenciam que, quando submetidos ao mesmo ambiente e ao mesmo manejo, os materiais apresentam desempenho bastante próximo.

Tabela 2 – Indicadores de produtividade¹ alcançados em pastagens intensificadas de *B. híbrida* Convert cv HD364 (BH) e seus progenitores, *B. decumbens* (BD), *B. brizantha* cv Marandu (BB) e *B. ruziensis* (BR) em um período de 450 dias de avaliação (junho de 2013 a março de 2014 e de outubro de 2014 a março de 2015) manejadas em pastoreio de lotação alternada.

Indicador	Unidade	Forrageira				Média
		BH HD 364	BD	BB	BR	
Taxa de lotação	UA/ha ²	4.46	4.02	3.8 3	3.6 0	3.98
Ganho médio diário	kg/cab/dia	0.76	0.70	0.6 6	0.7 4	0.72
Produtividade da terra	@/ha	62	55	50	54	55
⁴ EUN	kg PC/kg N	2.93	2.44	2.4 4	2.6 0	2.60

¹Produtividades alcançadas com 2.150 mm de chuvas e 5,0 t/ha de calcário + 1,26 t/ha de gesso + 209 kg/ha de P₂O₅ + 130 kg/ha de K₂O + 318 kg/ha de N + 123 kg/ha de enxofre (do gesso) durante o período experimental.

²Unidade Animal; ³Peso Corporal; ⁴Eficiência de Uso de Nitrogênio (112 kg de N via adubação e assumindo + 9 kg N-atmosférico + 7,5 kg N-mineral do solo + 142 kg N-matéria orgânica do solo).

Os animais foram suplementados apenas com suplementos minerais.

Fonte: SILVA; AGUIAR, 2014; COSTA; AGUIAR, 2015; COELHO; AGUIAR, 2016.

Esses resultados reforçam que o ambiente de produção e o manejo exercem influência muito maior sobre o desempenho das pastagens do que as diferenças genéticas entre os cultivares avaliados.

Outro conjunto importante de informações é apresentado na Tabela 3, elaborada com base em resultados obtidos pela EMBRAPA em diferentes experimentos conduzidos com cultivares dos gêneros **Brachiaria** e **Panicum**.

Tabela 3 – Ganho médio diário (GMD), taxa de lotação (TL) e produtividade por hectare em peso corporal (kg de PC) e entre parêntesis em @/ha de cultivares dos gêneros *Brachiaria* sp e *Panicum* sp.

Forrageira	GMD (kg/dia)		TL (cabeças/ha)		PC	Fonte
	Chuvas	Seca	Chuvas	Seca	kg ha/ano	
<i>Brachiaria</i> sp	0,59	0,30	4.2	1.7	618 (20,6@)	EMBRAPA
<i>Panicum</i> sp	0,61	0,32	3.9	2.2	741 (24,7@)	
Média	0,60	0,31	4.05	1.95	679 (22,6@)	

Mesmo avaliando materiais lançados ao longo de várias décadas, os resultados continuam apontando diferenças relativamente pequenas entre os cultivares quando estes são manejados corretamente. Isso demonstra que o lançamento de uma nova cultivar não significa, necessariamente, que ela proporcionará aumentos expressivos de produtividade ou qualidade da forragem.

Esse entendimento é extremamente importante porque, muitas vezes, produtores são levados a acreditar que a simples substituição da pastagem resolverá problemas produtivos da propriedade. Na prática, isso raramente

acontece.

É comum observar propriedades substituindo pastagens adaptadas às suas condições de clima e solo por materiais recém-lançados, na expectativa de ganhos significativos de produtividade. Entretanto, se os problemas de manejo permanecerem os mesmos, os resultados também tendem a permanecer praticamente inalterados.

Vale lembrar que produtividade de forragem e qualidade nutricional são características altamente dependentes do ambiente. Fertilidade do solo, disponibilidade de água, manejo da adubação, intensidade e frequên-

cia de pastejo, controle de plantas invasoras e planejamento forrageiro exercem influência muito superior às diferenças existentes entre cultivares.

Isso não significa que todas as espécies sejam iguais ou que não existam diferenças entre elas. Essas diferenças existem e devem ser consideradas, principalmente quanto à adaptação ao clima, ao solo, à tolerância a pragas e doenças, à forma de utilização da área e às exigências de manejo. Foi justamente sobre esses parâmetros que tratei na primeira parte deste trabalho.

O que os resultados científicos mostram é que, uma vez escolhida uma espécie adaptada às condições da propriedade, os maiores ganhos passam a depender da qualidade do manejo adotado pelo produtor.

Os números da pecuária brasileira ilustram bem essa realidade. Enquanto experimentos conduzidos pelo GET/FAZU alcançaram taxas de lotação variando entre 3,6 e 5,9 UA/ha, ganhos médios diários entre 0,55 e 0,76 kg por animal e produtividades superiores a 50 arrobas por hectare ao ano, a média nacional ainda gira em torno de 1,02 UA/ha, ganho médio diário de aproximadamente 0,23 kg e produtividade próxima de 3,7 arrobas por hectare ao ano.

Esses dados demonstram que o maior potencial de crescimento da pecuária brasileira não está na substituição de espécies forrageiras, mas na melhoria da gestão das pastagens.

Portanto, antes de decidir substituir uma

forrageira tradicional por um cultivar recém-lançado, o produtor deve responder a uma pergunta simples: a pastagem atual já expressa todo o seu potencial produtivo?

Na grande maioria das propriedades, a resposta será negativa.

Nessas situações, o investimento mais inteligente costuma ser a melhoria do manejo: correção e adubação do solo, ajuste da lotação, manejo adequado do pastejo, planejamento da produção de forragem e assistência técnica qualificada.

Em outras palavras, antes de trocar a forrageira, vale muito mais investir em manejo.

Essa continua sendo, na maioria dos sistemas de produção brasileiros, a estratégia de maior retorno técnico e econômico.

Na próxima oportunidade voltaremos a discutir outros temas relacionados à forragicultura e ao manejo de pastagens, sempre procurando fundamentar as recomendações em resultados científicos e em experiências consolidadas de campo, contribuindo para que técnicos e produtores tomem decisões cada vez mais seguras e eficientes. ●

Adilson de Paula Almeida Aguiar – Zootecnista, professor convidado em cursos de pós-graduação da REHAGRO, nas Faculdades de Gestão e Inovação (FGI) e nas Faculdades Associadas de Uberaba (FAZU); Consultor Associado da CONSUEP – Consultoria e Planejamento Pecuário Ltda; Investidor na pecuária.





GUARDIÕES MIRINS DO MEIO AMBIENTE: CULTIVANDO HOJE OS LÍDERES SUSTENTÁVEIS DO AMANHÃ.

Preparar um futuro sustentável exige mais do que cuidar dos recursos naturais. Exige formar pessoas conscientes, responsáveis e comprometidas com o desenvolvimento das comunidades onde vivem. Com esse propósito, a Cooperbom desenvolve o projeto Guardiões Mirins do Meio Ambiente, uma iniciativa que une educação, cooperativismo e sustentabilidade para inspirar as novas gerações.

Após o sucesso da edição piloto realizada em 2025, na Escola Municipal Francisco Campos, em Estrela do Indaiá, o projeto retorna em 2026 ainda mais fortalecido. Nesta segunda edição, a iniciativa alcança quatro turmas de 5º ano em três municípios da área de atuação da Cooperbom: a Escola Municipal Geraldo de Assis, em Martinho Campos; a Escola Flávio Cançado Filho, em Bom Despacho; e novamente a Escola Municipal Francisco Campos, em Estrela do Indaiá.

Ao longo de 14 horas de atividades, os estudantes têm contato com temas como cooperativismo, sustentabilidade, reciclagem, desenvolvimento sustentável e responsabilidade socioambiental. Mais do que transmitir conhecimento, o projeto busca despertar nas crianças o senso de pertencimento, cidadania e cuidado com o ambiente em que vivem. A metodologia combina aprendizado e prática. Organizados em “cooperativas mirins”, os alunos elegem representantes, desenvolvem logomarcas e participam de desafios que estimulam o trabalho em equipe, a liderança e a cooperação. Entre as missões propostas estão a coleta de garrafas PET destinadas à Reciclabom, a produção do desenho “Minha Cidade Sustentável” e a elaboração de textos para o 1º Prêmio Guardiões Mirins do Meio Ambiente – Concurso de Redação. Outra ação de destaque é o plantio de mudas de Resedá nos municípios participantes, deixando um legado ambiental e simbolizando o compromisso das crianças com a construção de cidades mais sustentáveis.

Com o tema “Minha Cidade Sustentável”, o concurso literário foi criado para valorizar o protagonismo infantil e incentivar o pensamento crítico. Por meio de artigos de opinião, os estudantes refletem sobre os desafios e as oportunidades para tornar suas comunidades mais sustentáveis.

Todo esse trabalho só é possível graças à força da intercooperação. Idealizado pela Cooperbom, o projeto reúne parceiros que acreditam na educação como ferramenta de transformação social. Nesta edição, cada escola participante foi acolhida por uma cooperativa de cré-

Bom Despacho



Estrela do Indaiá



dito parceira: o Sicoob Credibom, em Bom Despacho; o Sicoob Credesp, em Martinho Campos; e o Sicoob Credplus, em Estrela do Indaiá. A iniciativa também conta com o apoio da Vibra, parceira responsável por viabilizar a ampliação do projeto na cidade de Bom Despacho e a premiação do 1º Concurso de Redação Guardiões Mirins do Meio Ambiente, que reconhecerá com um notebook o autor da redação de maior destaque entre todos os estudantes participantes. As cooperativas parceiras também contribuíram para a aquisição dos materiais e de apoio entregues aos estudantes, como o livro didático do projeto, mochila, garrafinha, boné e quadro de gestão à vista, enriquecendo a experiência de aprendizado e fortalecendo o engajamento dos participantes ao longo de toda a jornada. Além disso, serão responsáveis pela premiação das “cooperativas mirins” campeãs de cada turma, reconhecendo o comprometimento, a cooperação e o desempenho dos estudantes nas atividades propostas.

Essa união de esforços demonstra, na prática, a força do sexto princípio do cooperativismo, a intercooperação. Quando organizações trabalham juntas em torno de um objetivo comum, seus resultados ultrapassam os limites institucionais e geram benefícios para toda a comunidade. Além disso, o projeto também materializa outros princípios cooperativistas, especialmente o da educação, formação e in-

formação e o do interesse pela comunidade, ao promover o aprendizado contínuo, o protagonismo estudantil e o compromisso com o desenvolvimento local desde a infância. Ao levar a educação cooperativista para dentro das escolas, a Cooperbom contribui diretamente para a formação das futuras gerações de cidadãos, líderes e cooperativistas. Crianças que vivenciam desde cedo a importância do trabalho coletivo, da responsabilidade social e da sustentabilidade tornam-se adultos mais preparados para construir comunidades fortes, resilientes e prósperas.

Cada cooperativa criada em sala de aula, cada garrafa PET coletada, cada muda plantada e cada redação escrita representam muito mais do que atividades pedagógicas. Representam a formação de uma geração que compreende que as grandes transformações começam com pequenas atitudes e que cuidar do meio ambiente, das pessoas e da comunidade é uma responsabilidade compartilhada. Por meio do Guardiões Mirins do Meio Ambiente, a Cooperbom reafirma seu compromisso com o desenvolvimento sustentável das comunidades onde atua, demonstrando que cooperar é também educar, inspirar e preparar aqueles que serão responsáveis por conduzir o futuro.

Porque cuidar do meio ambiente é importante. Mas formar crianças capazes de cuidar das pessoas, das comunidades e do planeta é o que realmente transforma o futuro. ●

Martinho Campos



QUANDO A COOPERBOM ENFRENTOU A NESTLÉ – E VENCEU!

A história da Cooperativa Agropecuária de Bom Despacho (Cooperbom) é marcada por desafios, conquistas e pela capacidade de seus cooperados de transformar dificuldades em oportunidades. Fundada em maio de 1956 por um grupo de 22 produtores rurais, a cooperativa nasceu com o objetivo de organizar a comercialização da produção agropecuária local e oferecer melhores condições de desenvolvimento para seus associados. Um desses produtores era meu avô, Carlos Cardoso de Carvalho, o Carlito.

Nos primeiros anos, a Cooperbom atuava principalmente no recebimento de creme dos produtores, que era enviado para processamento fora do município. A estrutura era simples e os recursos, escassos, mas o espírito cooperativista já estava presente. O maior desafio viria poucos anos depois.

Em 1959, a Nestlé instalou-se em Bom Despacho. A chegada da multinacional alterou profundamente a dinâmica do mercado leiteiro regional. Muitos produtores passaram a fornecer leite diretamente para a empresa, atraídos pela nova forma de comercialização. Pequenos laticínios desapareceram e a Cooperbom viu sua base de fornecimento diminuir rapidamente.

A situação tornou-se crítica. Em 1961, diversos cooperados deixaram a cooperativa. A produção caiu e a organização passou a enfrentar sérias dificuldades financeiras. Poucos anos depois, em 1965, a crise chegou a tal ponto que uma assembleia foi convocada para discutir a dissolução da Cooperbom.

O que poderia ter sido o fim da história tornou-se um dos capítulos mais importantes de sua trajetória. Os cooperados decidiram permanecer unidos. Houve chamada de capital, novos investimentos e uma mobilização coletiva para reconstruir a cooperativa. Em vez de encerrar suas atividades, a Cooperbom passou a investir em infraestrutura própria para competir em melhores condições.

Em 1966, foi inaugurado o Posto de Recepção e Resfriamento de Leite. A nova estrutura

permitiu ampliar a captação e melhorar a qualidade do produto recebido dos cooperados. Pouco a pouco, a confiança retornou e a cooperativa voltou a crescer.

O momento decisivo ocorreu em 1970. O posto de recepção da Nestlé em Bom Despacho foi desativado e colocado à venda. A Cooperbom assumiu o desafio e adquiriu a estrutura. O fato tornou-se um marco histórico: a cooperativa que, poucos anos antes, discutia sua própria dissolução passava a incorporar os ativos da empresa que havia provocado sua maior crise.

A aquisição representou mais do que uma expansão física. Simbolizou a capacidade de reação dos cooperados, a força da organização coletiva e a consolidação da Cooperbom como protagonista do desenvolvimento regional.

Nas décadas seguintes, a cooperativa ampliou suas atividades de forma contínua. Foram criados novos postos de recepção de leite, loja agropecuária, supermercado, posto de combustível, fábrica de rações, serviços veterinários, armazenagem de grãos e novas unidades industriais. A diversificação reduziu a dependência de uma única atividade econômica e fortaleceu a presença da cooperativa em toda a região.

Já na década de 1980, a Cooperbom figurava entre as principais cooperativas de Minas Gerais. Nos anos seguintes, continuou investindo em modernização, infraestrutura, assistência técnica e qualificação dos produtores.

Ao completar sete décadas de existência, a Cooperbom mantém vivo o mesmo princípio que orientou seus fundadores em 1956: a convicção de que a cooperação é capaz de gerar resultados que dificilmente seriam alcançados de forma individual.

A história da Cooperbom demonstra que o cooperativismo não é apenas um modelo de negócios. É também uma estratégia de desenvolvimento, pertencimento e construção coletiva. E poucos episódios simbolizam melhor essa trajetória do que a superação da crise



provocada pela chegada da Nestlé e a posterior aquisição de sua estrutura pela própria cooperativa.

Uma última informação: a Lei nº 15.433, de 16 de junho de 2026, reconhece o cooperativismo como manifestação da cultura nacional. Acho

que a Cooperbom é um excelente exemplo e parte viva dessa cultura cooperativista.

Airton Cardoso Cançado
Bondespachense, filho da Dona Ivone e neto da Dona Geny e do Seu Carlito.
Professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT)





Lucas Campos
Consultoria Agropecuária



A IMPORTÂNCIA DA VACINA REPRODUTIVA EM BOVINOS

A vacinação reprodutiva é uma ferramenta essencial para garantir a saúde do rebanho e a eficiência da produção.

Ela protege hoje, para garantir resultados amanhã.



PRINCIPAIS BENEFÍCIOS



PREVENÇÃO DE DOENÇAS REPRODUTIVAS

Reduz a incidência de infecções que causam abortos, infertilidade e perdas embrionárias.



MAIS FERTILIDADE

Vacinas ajudam a manter o sistema reprodutivo saudável, aumentando a taxa de prenhez.



MELHOR DESEMPENHO

Rebanhos saudáveis têm ciclos reprodutivos mais regulares e melhor desempenho produtivo.



REDUÇÃO DE PREJUÍZOS

Menos perdas significam mais lucro e maior rentabilidade na propriedade.



PROTEÇÃO DO FUTURO

Garanta bezerros mais saudáveis, fortalece o rebanho e assegura a sustentabilidade do negócio.



VACINAR É INVESTIR EM PRODUTIVIDADE!

Um rebanho protegido é sinônimo de mais eficiência, mais bezerros e mais lucro para o pecuarista.

Conte com a Lucas Campos Consultoria Agropecuária e com o apoio da Cooperbom para orientar o manejo sanitário e reprodutivo do seu rebanho.

**Saúde reprodutiva hoje,
produção garantida sempre!**



DOENÇAS QUE A VACINA REPRODUTIVA AJUDA A PREVENIR:



IBR
(Rinotraqueite
Infecciosa Bovina)



BVD
(Diarreia Viral
Bovina)



LEPTOSPIROSE
(Leptospira spp.)



E outras doenças que comprometem a fertilidade e a gestação.

LINHA COOPERBOM e COOPERFÓS

QUALIDADE & RESULTADO



IMAGEM MERAMENTE ILUSTRATIVA



  | cooperbom.coop
www.cooperbom.com.br

A VANGUARDA DA GOVERNANÇA COOPERATIVA: A GESTÃO PROFISSIONAL E ESTRATÉGICA DO SICOOB CREDIBOM.

Como a sinergia entre executivos de mercado e a essência do cooperativismo financeiro consolidou a instituição como uma alternativa moderna, arrojada e sustentável na economia nacional.



O cenário financeiro global tem passado por profundas transformações nas últimas décadas. Em meio à volatilidade dos mercados tradicionais e à crescente exigência regulatória, o cooperativismo financeiro emergiu não apenas como uma alternativa de nicho, mas como um modelo de negócios robusto, moderno e altamente competitivo. No centro dessa evolução destaca-se o Sicoob Credibom, instituição que celebra quatro décadas de solidez, superando a marca histórica de R\$ 1,25 bilhão em ativos e alcançando uma carteira com mais de 27 mil associados.

A chave para esse crescimento exponencial reside em um pilar fundamental: a transição bem-sucedida para uma governança corporativa estritamente profissional, capitaneada por uma Diretoria Executiva altamente qualificada que alia a sensibilidade humana do cooperativismo à agressividade técnica exigida pelo mercado financeiro.

Refletindo o modelo de separação de funções preconizado pelo Banco Central do Brasil (BCB), a atual estrutura de governança do Sicoob Credibom é composta pelo Conselho de Administração, que resguarda as diretrizes estratégicas e instituições e as três diretorias técnicas que fazem a gestão executiva e operacio-

nalização do negócios: a **Diretoria de Negócios**, a **Diretoria Administrativa** e a **Diretoria de Gestão de Riscos**.

**NEGÓCIOS E EXPANSÃO:
A HUMANIZAÇÃO DO
ATENDIMENTO NA ERA
DIGITAL:**

À frente da Diretoria de Negócios está José Mauri Mota, executivo cuja história confunde-se com a própria trajetória do Sicoob Credibom. Ingressando na instituição em 1986, Mauri vivenciou desde a era rudimentar dos cheques datilografados manualmente até a consolidação da expansão metropolitana.

Graduado em Ciências Contábeis com MBA em Gestão de Negócios e especializações executivas como o Programa de Desenvolvimento Empresarial (PDE) da Fundação Dom Cabral e o GECCOOP do Sistema Crediminas, o diretor lidera hoje uma robusta estrutura comercial composta por três gerentes de mercado táticos e mais de 30 gerentes comerciais.

A estratégia de negócios sob a ótica da governança moderna do Sicoob Credibom destaca-se pela ousadia na expansão geográfica e pela manutenção intransigente do

atendimento humanizado. Um marco impressionante dessa visão de mercado é a atuação na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Em menos de dez anos de presença na capital mineira, as agências dos Bairros Buritis e Venda Nova já respondem por mais de R\$ 130 milhões de uma carteira de crédito total de aproximadamente R\$ 480 milhões. Ou seja, quase um terço do fomento de crédito da cooperativa está alocado no dinâmico mercado da capital, um feito que atesta a competitividade dos produtos do Sicoob Credibom diante dos grandes bancos comerciais.

"A cooperativa precisa crescer e gerar resultados econômicos, mas não podemos perder nossa essência. O objetivo não é criar riqueza isolada, mas fazer com que o cooperado e a comunidade cresçam juntos." José Mauri Mota, Diretor de Negócios.

ADMINISTRAÇÃO E INFRAESTRUTURA: O SUPORTE TÉCNICO DA MÁQUINA CORPORATIVA:

Para sustentar o avanço comercial acelerado, a retaguarda da cooperativa exige um controle operacional cirúrgico. Essa responsabilidade recai sobre a Diretoria Administrativa, liderada por Vicente de Paulo Lopes Cançado. Com uma vasta bagagem de gestão adquirida em grandes cenários nacionais, como a Ferrovia dos Carajás, no Maranhão e o Metrô de São Paulo, Vicente ingressou na governança do Sicoob Credibom em 2001.

Passando pelo Conselho Fiscal, Conselho de Administração da cooperativa, Coordenação da UAR 4 (2012//2013) e Conselho de Administração do Sicoob Central Crediminas (2014 a 2017), desde 2008, ocupando a cadeira de Diretor Administrativo, o executivo consolidou uma sólida formação em cooperativismo e gestão pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Sob o guarda-chuva da Diretoria Administrativa, encontram-se áreas vitais para a sustentabilidade do Sicoob Credibom: Crédito, Cadastro, Cobrança, Contabilidade, Recursos Humanos, Tecnologia da Informação (TI) e Comunicação e Marketing Institucional. A estrutura operacional é desenhada com três gerentes operacionais e sete coordenadores de área específicos, garantindo eficiência máxima e mitigação de gargalos.

Em um cenário de digitalização, a TI sob a gestão de Vicente atua fortemente em sinergia com o Sicoob Central Crediminas para a proteção de dados e segurança cibernética, investindo em licenças e equipamentos de ponta de forma preventiva.

A Diretoria Administrativa também desempenha um papel altamente estratégico

no desenvolvimento do capital humano e na blindagem da imagem da instituição. Na visão de Vicente, a gestão eficiente do orçamento administrativo é o que viabiliza a segurança operacional exigida pelo órgão regulador, sem engessar a agilidade de resposta que a área de negócios necessita no mercado.

GESTÃO DE RISCOS: A BLINDAGEM ESTRATÉGICA E A ALTA GOVERNANÇA:

O pilar mais recente e tecnicamente complexo da estrutura executiva da cooperativa é a Diretoria de Gestão de Riscos, comandada por Rodrigo Belione. Graduado em Administração de Empresas com especialização em Finanças pela Fundação Dom Cabral, Belione acumula 33 anos de experiência no sistema financeiro nacional, tendo atuado em grandes instituições privadas como o Banco Rural, BMG, Mercantil do Brasil e Banco Votorantim.

Convidado a integrar o Conselho de Administração em 2017 para oxigenar a governança, assumiu em 2018 a cadeira de Diretor de Riscos, sendo o primeiro conselheiro e diretor do Sicoob Credibom a obter as certificações exigidas para o cargo.

A criação da Diretoria de Riscos reflete diretamente a maturidade do cooperativismo financeiro sob a supervisão do Banco Central. Historicamente restrita aos bancos múltiplos de grande porte, a exigência de um Diretor de Riscos dedicado foi estendida às cooperativas singulares para garantir estabilidade ao Sistema Financeiro Nacional (SFN).

Longe de atuar como um órgão repressor ou burocrático, a diretoria de Belione — que conta com uma estrutura enxuta e altamente especializada composta por gerente de riscos, analistas de controles internos e suporte jurídico — atua como parceira estratégica das áreas de negócios e administração.

"A gestão de riscos monitora de perto as volatilidades do mercado e as esteiras de crédito corporativas. Em um ecossistema financeiro onde o risco de imagem e os riscos operacionais ganharam proporções críticas, o monitoramento preditivo da diretoria assegura que as tomadas de decisão pela governança sejam cirúrgicas e seguras", afirma Rodrigo Belione. ●

Por Andréa Hollerbach Athayde, diretora da EmCena Comunicação + Marketing, consultora, mentora, escritora, especialista em comunicação cooperativista.



QUANDO A FAZENDA VIRA CAMPO DE BATALHA ENTRE HERDEIROS.



GERALDO GONÇALVES

Advogado, Mestre em Direito Empresarial

Por que o patrimônio que uniu a família durante uma vida inteira é o mesmo que, depois da morte dos pais, separa os filhos?

Você já parou para imaginar o Natal da sua família sem o seu pai ou a sua mãe à mesa? E pior: imaginou esse mesmo Natal com irmãos que não se falam mais, porque a fazenda ficou no meio?

Pois é. Em mais de 20 anos trabalhando com sucessão em famílias de produtores rurais, incluí a minha, posso afirmar algo que incomoda: na maioria das vezes, não é o dinheiro que separa a família. É a falta de uma conversa que nunca aconteceu.

O QUE SUSTENTOU A FAMÍLIA TAMBÉM PODE DESTRUI-LA:

A fazenda construída pelo patriarca é, ao mesmo tempo, o maior orgulho e a maior fonte de risco da família. Enquanto o pai está vivo, é ele quem decide. É ele quem resolve os conflitos entre os irmãos, quem distribui as tarefas, quem segura as pontas quando um filho acha que o outro trabalha menos e ganha igual.

Quando ele falta, falta também o juiz da casa. E aí, vêm à tona perguntas que a família nunca teve coragem de responder:

- Quem vai administrar a fazenda agora?
- O filho que trabalhou a vida inteira na terra vale o mesmo que o que foi embora para a cidade?
- As decisões serão tomadas em conjunto ou prevalecerá a maioria?
- E se um irmão quiser vender sua parte e o outro não tiver dinheiro para comprar?

Nenhuma dessas perguntas tem resposta no Código Civil Brasileiro. Elas só têm resposta na conversa que a família não teve em vida.

Falar de sucessão é uma necessidade e muitas famílias não gostam disso. Até acreditam que falar sobre isso atrai a morte.

O INVENTÁRIO NÃO RESOLVE CONFLITOS. ELE OS REVELA:

Muitos produtores acreditam que o inventário é apenas um trâmite burocrático: alguns papéis, uma assinatura, um imposto pago, e está tudo resolvido. Não é bem assim.

O inventário é o momento em que tudo o que ficou guardado durante décadas, sentimentos de injustiça, comparações entre os filhos, mágoas antigas de quem “trabalhou mais” ou “recebeu menos atenção”, sobe à superfície. E sobe justamente na hora em que a família está mais fragilizada emocionalmente: depois de uma perda.

Não é o imposto que mais destrói as famílias rurais. São os ressentimentos que o dinheiro apenas expõe.

POR QUE O FILHO QUE FICOU NA FAZENDA SE SENTE TRAÍDO:

Esta é, talvez, a ferida mais comum que vejo em famílias do agronegócio. Há sempre um filho, às vezes uma filha, que nunca saiu da terra. Levantou cedo, perdeu formaturas, deixou de viajar, casou e criou os próprios filhos dentro da fazenda, tudo para manter o legado do pai funcionando.

Os outros irmãos seguiram outros caminhos: estudaram fora, abriram negócios na cidade, construíram vidas distantes da rotina do campo.

Quando o pai falta, a lei trata todos os herdeiros como iguais. Mas a vida não foi igual para todos. E é exatamente nesse descompasso entre a lei e a história real da família que nascem as brigas mais amargas.

Não se trata de saber quem “merece mais”. Trata-se de reconhecer, ainda em vida, que dedicação e ausência não podem receber o mesmo peso na hora da partilha, sem que isso seja antes conversado e formalizado pela própria família.

A FALSA SENSACÃO DE QUE “VAI DAR TUDO CERTO”:

Quase todo produtor rural acredita, sinceramente, que seus filhos “vão se entender”. É um sentimento nobre, fruto do amor de pai. Mas a experiência mostra outra realidade: a harmonia que existe enquanto os pais estão sentados à mesa raramente sobrevive à ausência deles.

Isso não significa que seus filhos sejam maus. Significa apenas que ninguém, sozinho, deveria carregar decisões sobre dinheiro, trabalho e herança sem regras claras combinadas antes. Mesmo as famílias mais unidas precisam de regras, exatamente para continuarem unidas.

O QUE PODE SER FEITO AINDA EM VIDA:

A boa notícia é que esse conflito não é uma fatalidade. Ele é, na maioria dos casos, evitável. E a forma de evitá-lo começa muito antes de qualquer documento jurídico: começa em uma conversa franca, reunindo os pais e todos os herdeiros, onde temas difíceis sejam colocados na mesa sem rodeios:

- Quem tem vocação e interesse real para administrar a fazenda no futuro?
- Como será remunerado o filho que trabalha na terra, de forma diferente dos que não trabalham?
- O que acontece se um herdeiro quiser sair da sociedade familiar?

- Como serão resolvidas divergências, sem que a primeira opção seja recorrer à Justiça?

Depois dessa conversa, ferramentas jurídicas como o Protocolo Familiar e o Acordo de Sócios servem exatamente para transformar o que foi dito em regra escrita, clara e válida, reduzindo a margem para que cada um “lembre” do combinado de um jeito diferente lá na frente.

CONCLUSÃO: A HERANÇA MAIS VALIOSA NÃO É A TERRA:

A fazenda pode ser passada de geração em geração. Mas se a família que deveria cuidar dela não conversa, não combina regras e não confia uma na outra, a terra perde o sentido que sempre teve.

A verdadeira herança que um pai ou uma mãe pode deixar não é apenas o patrimônio. É a certeza de que os filhos seguirão se olhando como família, mesmo depois que a fazenda tiver outros donos.

Não deixe que o seu legado seja lembrado pela briga que ele causou, e sim pela união que ele foi capaz de manter.

Espero que você tenha gostado e se tiver alguma dúvida sobre este assunto, a nossa equipe especializada em holding e governança está pronta para ajudá-lo. Não deixe o futuro do seu patrimônio e da sua família ao acaso. Entre em contato pelo WhatsApp (31) 98660-2552 e faça um diagnóstico gratuito para aplicar na sua realidade. ●

Geraldo Gonçalves de Oliveira e Alves
Advogado, Mestre em Direito Empresarial há mais de 20 anos pela Faculdade Milton Campos. Autor do livro “A Sociedade Holding” (2006) e “Holding e Governança Familiar” (2023). Escreveu e publicou diversos artigos jurídicos sobre Direito Empresarial. Conselheiro de Administração pela Fundação Dom Cabral; Experiência na implantação de regras de compliance; Especialista em Governança Familiar; Protocolo Familiar; Vasta experiência em holding e sociedade anônima; empresa familiar, transformação, cisão e incorporação. Palestrante e Consultor nas áreas de Governança familiar e proteção patrimonial. Instagram @governancafamiliarbr



O AGRO NO MEIO DA CRISE DE ESTADO, NAÇÃO E DE PAÍS.



**JOSÉ LUIZ ALMEIDA
COSTA**

Especial para a Revista
COOPERBOM em campo

O agronegócio brasileiro, responsável por uma parcela substantiva do Produto Interno Bruto (PIB) e por cifras recordes nas exportações, atravessa um momento de inflexão. Involuntariamente, o setor imergiu no epicentro de uma crise institucional que coloca em rota de colisão três pilares da vida brasileira: o Estado, a Nação e o País. A análise desse fenômeno exige, antes de tudo, uma distinção clara entre estes entes, cujas fronteiras têm se tornado cada vez mais porosas sob o peso da influência econômica.

Para compreender o embate, é preciso revisitar as definições republicanas. O "Estado" existe para a administração governamental dos interesses públicos, servindo como o garantidor da coesão. A "Nação", expressa no povo, é a teia de liberdades civis, culturas e identidades que dá sentido ao coletivo. O "País", por sua vez, é a dimensão geográfica, o território físico e a soberania das nossas fronteiras. O agronegócio, ao se consolidar como motor da economia, passou a ocupar um espaço que tensiona esses três conceitos de forma inédita.

A Captura da Agenda Estatal – No campo do Estado, a crise manifesta-se através da fragilidade da mediação. Espera-se que o Estado atue como um árbitro neutro, mas a dependência econômica

em relação ao setor produtivo gera um fenômeno de "captura".

Quando a política pública é moldada exclusivamente pelas demandas de competitividade do agronegócio, o Estado perde a sua capacidade de arbitrar conflitos, tornando-se refém de um setor que, embora vital, não pode ser o único balizador do interesse público.

O Cisma da Nação – Paralelamente, a Nação assiste a uma fragmentação. O Brasil debate-se entre narrativas divergentes: de um lado, a do "agro que alimenta o mundo" como símbolo de progresso; de outro, a percepção de setores que reivindicam o direito à terra e à preservação de modos de vida tradicionais. A crise institucional aqui reside na incapacidade de construir um projeto nacional que contemple a pluralidade de visões sobre o que constitui, afinal, o desenvolvimento sustentável. O que deveria ser um debate sobre o futuro do país transforma-se em trincheiras de polarização ideológica.

O País sob Pressão – Por fim, é o próprio território — o País — que sofre as consequências dessa tripla tensão. O avanço das fronteiras agrícolas e o uso intensivo de recursos naturais forçam a sociedade a confrontar a dicotomia entre o "País como ativo econômico" e o "País como patrimônio".

A crise não é apenas administrativa ou política; é existencial. O desafio que se impõe é como acomodar a força motriz do agronegócio sem exaurir a base física que sustenta a própria nação. O agronegócio, ao crescer exponencialmente, preencheu um vácuo de poder na governança brasileira, tornando-se protagonista de uma crise que ele mesmo ajudou a tornar evidente. A questão que permanece para o debate público é se o Brasil será capaz de renegociar esse pacto antes que as tensões entre o Estado, a Nação e o País tornem o modelo de desenvolvimento insustentável. ●





Nosso futuro é agora!

70
Anos

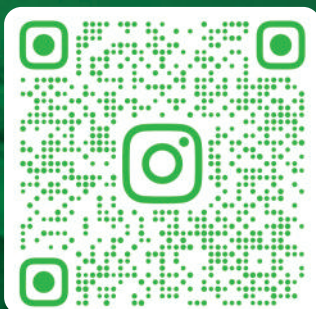
Siga nossas redes:



cooperbom.com.br



[@cooperbom.coop](https://www.instagram.com/cooperbom.coop)



[linkedin/cooperbom](https://www.linkedin.com/company/cooperbom)



somos coop»



IA APOIA MANEJO DE PLANTAS DANINHAS EM SISTEMAS INTEGRADOS DE LAVOURA E PECUÁRIA.

A adoção de práticas sustentáveis, que compõem a estratégia ILP, altera o comportamento das plantas daninhas. Foto: Maurílio Fernandes de Oliveira

Estudo inédito desenvolvido em parceria entre a Embrapa Milho e Sorgo (MG) e a Universidade do Vale do Itajaí (Univali) avalia o uso de ferramentas de inteligência artificial (IA) preditiva, chamadas de algoritmos de aprendizado de máquina, na dinâmica de plantas daninhas em sistema de Integração Lavoura-Pecuária (ILP). O objetivo é compreender as interações do ecossistema com base em dados de clima, solo e de culturas.

A adoção de práticas sustentáveis, que compõem a estratégia ILP, altera o comportamento das plantas daninhas. Os conhecimentos de IA auxiliam no entendimento desse processo, além de impulsionar estudos complementares que mostram o seu potencial para a redução do uso de herbicidas em sistemas agrícolas, atendendo aos preceitos da economia verde.

Para isso, foram separados três grupos de informações para compor uma base de dados. O primeiro forneceu

dados quantitativos sobre as espécies de plantas daninhas. O segundo contemplou características dos solos e dos sistemas de cultivo. Já o terceiro, integrou registros climáticos da região, para estabelecer correlações entre esses fatores e a ocorrência dessas plantas.

Os algoritmos utilizados foram o Support Vector Machine, o Decision Tree, o Random Forest e o K-Nearest Neighbors. Eles demonstraram bom desempenho geral para prever as culturas mais propensas ao aparecimento de plantas daninhas. O Decision Tree e o Random Forest demonstraram melhor desempenho em ambos os modelos, alcançando 99% de precisão, segundo análise da doutora em Matemática e em Ciências de Dados, Ana Letícia Becker Gomes Luz. "Trata-se de um procedimento tecnicamente viável e eficaz", comenta o pesquisador Maurílio Fernandes de Oliveira, da Embrapa Milho e Sorgo.

Segundo Oliveira, a ferra-

menta de IA preditiva permite conhecer os fatores envolvidos na dinâmica das plantas daninhas no sistema avaliado, o que facilita a tomada de decisão no manejo. "O uso dessa técnica em plataformas computacionais pode contribuir na decisão de qual herbicida é mais adequado considerando a área de plantio", complementa.



Levantamento das plantas daninhas na soja em ILP. Foto: Maurílio Fernandes de Oliveira

O pesquisador explica que as ferramentas de inteligência artificial já aplicadas à ciência de plantas daninhas resultaram em tecnologias avançadas, como máquinas inteligentes capazes de identificá-las por visão computacional e robôs para aplicação direcionada e seletiva de herbicidas com altíssima precisão. Para Oliveira, o novo resultado amplia o conhecimento já adquirido e pode subsidiar recomendações sobre práticas agrícolas para o controle dessas espécies, como o uso de herbicidas em dosagens específicas para diferentes situações.

O estudo compõe a dissertação de mestrado “Modelos de aprendizado de máquina para predição de dinâmicas populacionais de plantas daninhas em sistemas ILP”, desenvolvida por Gomes Luz na Univali, sob a orientação de

Oliveira e da professora Anita Maria Fernandes.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de práticas sustentáveis na produção alimentícia para atender o crescimento populacional. “Estima-se que, até 2050, a população mundial será de 9 bilhões de pessoas. Nesse contexto, entre os diversos obstáculos enfrentados na produção agrícola, destacam-se as plantas daninhas. Existem diferentes métodos de manejo para o controle dessas pragas e, atualmente, o controle químico é o mais utilizado. Contudo, ao mesmo tempo em que se procura aumentar a produção de alimentos, busca-se também reduzir a poluição ambiental causada pelos herbicidas”, explica o pesquisador Ramon Costa Alvarenga, responsável por sistemas ILP na Embrapa Milho e Sorgo.



A pesquisa integra atividades de dois projetos. Uma, liderada pelo pesquisador Maurílio de Oliveira, é do projeto da Embrapa intitulado “Soluções recomendativas e generativas baseadas em IA para aumento da eficiência, qualidade e resiliência produtiva” (SORaIA). A segunda é do projeto “Plataforma para o monitoramento da dinâmica e recomendações de controle de populações de plantas daninhas”, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), capitaneado pela professora Anita Maria Fernandes.

SISTEMAS ILP E PLANTAS DANINHAS:

Os pesquisadores relatam que as populações de plantas daninhas em sistemas de Integração Lavoura-Pecuária são tipicamente menores do que as encontradas em sistemas de cultivo não consorciados. Essa redução é atribuída, especialmente, à presença das plantas forrageiras nos pastos do sistema, que atuam como uma cobertura importante do solo nesses modelos produtivos. Aliado a isso, destaca-se o monitoramento, com adoção de tecnologias para o manejo de plantas dani-

nhas emergentes.

Nesse manejo, a abordagem de aprendizado de máquina possibilita indicar quais técnicas aplicar. “Entre elas, a adoção de práticas preventivas, a identificação do momento ideal para realizar o controle de plantas daninhas, a estimativa da densidade e da distribuição dessas plantas no sistema e, a partir do conhecimento das espécies, a utilização de pulverizadores inteligentes para aplicação localizada de herbicidas”, enumera Oliveira.

No entanto, o pesquisador observa que a maioria dessas tecnologias é direcionada ao manejo das plantas daninhas depois que elas já emergiram. “Por isso, o uso de algoritmos de inteligência artificial para prevenir a ocorrência de espécies invasoras é muito apropriado, pois permite entender os fatores ambientais que favorecem o surgimento dessa praga. Além disso, os resultados preditivos dos algoritmos podem ser usados para modificar ou implementar novas técnicas em campo, o que nos permite dar ênfase na redução das taxas de aparecimento e crescimento das plantas daninhas”, acrescenta Oliveira.



Plantas daninhas na pós emergência do milho em sistema ILP.
Foto: Maurílio Fernandes de Oliveira

DESEMPENHO DA IA:

O estudo foi conduzido no bioma Cerrado, no município de Sete Lagoas, em Minas Gerais, onde fica situada a Embrapa Milho e Sorgo. Todos os dados coletados são provenientes dos experimentos em sistemas de integração Lavoura-Pecuária. Os registros compreendem variáveis que incluem data, nome comum da planta daninha, número por espécie, morfologia da folha (estreita ou larga), biomassa fresca, biomassa seca, período de amostragem, cultura, identificação da área amostrada (lavoura ou pastagem), número de amostras e área total amostrada.

Os sistemas ILP envolveram quatro tipos de culturas: milho consorciado com braquiária, sorgo consorciado com braquiária, soja e pastagem de braquiária. A amostragem foi realizada em quatro períodos distintos por ano. As medições ocorreram nas fases de colheita de grãos, na entressafra, na pré-dessecação e após a emergência da cultura e das plantas daninhas, antes da aplicação dos herbicidas de manejo.

ARTIGO PUBLICADO:

O estudo, intitulado “Algoritmos de aprendizado de máquina para prever as culturas mais suscetíveis à ocorrência de plantas daninhas em sistemas de Integração de Lavoura-Pecuária”, está publicado na Revista Pesquisa Agropecuária Brasileira (PAB), em seção especial comemorativa dos 60 anos do periódico.

A autoria é dos pesquisadores Maurílio Fernandes de Oliveira e Ramon Costa Alvarenga, da Embrapa Milho e Sorgo, dos professores Anita Fernandes e Fábio Walkman Coelho, da Univali, e da matemática Ana Letícia Gomes Luz.

O artigo está publicado no portal de periódicos da Embrapa e pode ser acessado pelo link e na plataforma SciELO, que é indexada à Revista PAB. ●

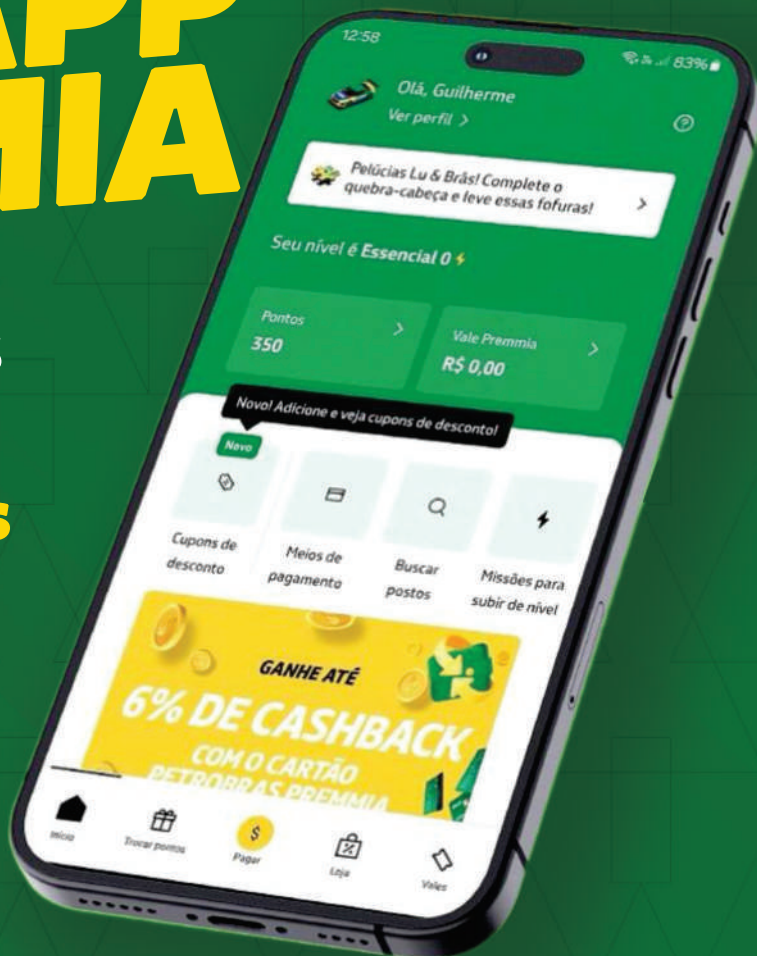
Sandra Brito (MTb 06.230/MG)
Embrapa Milho e Sorgo
Contatos para a imprensa: milho-
e-sorgo.imprensa@embrapa.br



Já conhece o **APP** **PREMMIA**

Ganhe vantagens
exclusivas nos
**Postos Petrobras
Cooperbom**

PETROBRAS
premmia



**Tudo que
você precisa em
um só app**



Google Play



App Store



1 - FAÇA SEU CADASTRO

Acesse o App Premmia
e faça seu cadastro



2 - ACUMULE PONTOS

Abasteça nos Postos Cooperbom,
consuma nas lojas BR Mania
e Lubrax + e peça para pontuar
no Premmia



3 - TROQUE SEUS PONTOS POR RECOMPENSAS

Acesse o App Premmia, faça seu
login, resgate ofertas e aproveite!

OFERTAS EXCLUSIVAS

Viagens



Gastronomia



Hospedagens



Para o
seu veículo



Ingressos
para cinema



Descontos
em produtos
ou serviços



E **MUITO** MAIS!

AÇÕES COOPERBOM!

IV FESTA DO POLVILHO.

No dia 13 de junho de 2026, o povoado do Mato Seco foi palco da IV Festa do Polvilho, evento que já se consolidou como uma importante tradição regional pela riqueza de sua programação e pela valorização dos produtores rurais e da cultura local. Promovida pela Prefeitura Municipal, a festa contou com o apoio de diversas empresas e entidades, entre elas a COOPERBOM, que marcou presença com a degustação dos produtos Mavero, além da participação do presidente Fúlvio Cardoso, dos diretores Carlos Humberto e Enes Fialho e dos conselheiros Fernando e Elda.

Entre as atrações, destacaram-se os concursos do Melhor Pão de Queijo e do Prato Livre à Base de Polvilho, que evidenciaram a criatividade e a tradição gastronômica da comunidade. Integraram o corpo de jurados Jacques Gontijo

Álvares, sua esposa Eliana, e o diretor da Cooperbom, Carlos Humberto.

A programação também contou com shows musicais, comidas típicas, leilão de animais, torneio de futebol, apresentações artísticas e diversas atividades que reuniram aproximadamente duas mil pessoas em um ambiente de confraternização, cultura e fortalecimento das tradições rurais.

Para a COOPERBOM, é motivo de grande satisfação fazer parte da comunidade do Mato Seco e prestigiar seus produtores em momentos como este, que fortalecem o cooperativismo, valorizam a agricultura familiar e contribuem para o desenvolvimento, a prosperidade e a integração da comunidade.



COOPERBOM RECEBE PREMIAÇÃO NO INTERAGRO 2026.



INÍCIO DE NOVA PARCERIA.

Visita dos sócios da Laticínio Vital A2, de Luz.

Início de uma parceria de sucesso. Representantes da Área Técnica e Diretoria da Cooperbom receberam a visita dos sócios da Laticínios Vital, na Fábrica de Rações, onde foram abordadas estratégias para atender os produtores rurais da região.



EQUIPES DA COOPERBOM E CREDIBOM PARTICIPARAM DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO COOPERATIVISTA NA OCEMG.



CENTRAL PARTNERS 2026 REÚNE LIDERANÇAS E CELEBRA MARCOS HISTÓRICOS DO COOPERATIVISMO.

A sede da CDL Acibom recebeu, na manhã do dia 23 de junho, o Central Partners 2026, evento idealizado por Dênis Pereira com o propósito de conectar diferentes setores da sociedade em torno do tema "Construção Coletiva". A edição foi marcada pela celebração dos 10 anos da Web Central, dos 70 anos da Cooperbom e dos 40 anos do Sicoob Credibom.

Reunindo dezenas de participantes e cerca de 20 palestrantes e painelistas, o encontro promoveu debates sobre cooperativismo, associativismo, empreendedorismo, desenvolvimento econômico, comunicação humanizada, inclusão social, agronegócio e inovação, fortalecendo a integração entre diferentes segmentos.

A Cooperbom esteve representada pelo presidente Fúlvio Cardoso e pelos diretores Enes Fialho e Carlos Humberto. Enes Fialho participou do painel "Cooperativismo, Associativismo e Segurança Rural", ao lado de Pedro Adalberto, Ronaldo Gontijo e da Major Marianna Atatília. Durante o debate, destacou o papel das cooperativas diante dos desafios enfrentados pelo produtor rural, como o aumento dos custos de produção, as elevadas taxas de juros, a transformação digital e a sucessão no campo.

Outro momento marcante foi a homenagem à Marisa Paolinelli, diretora institucional da Alagro e viúva do ex-ministro Alysson Paolinelli, reconhecido internacionalmente por sua contribuição ao desenvolvimento da agricultura tropical e pela transformação do Cerrado em uma das maiores regiões produtoras de alimentos do mundo.

O Central Partners 2026 foi realizado pela Web Central, Alagro e Rede Alysson Paolinelli, com apoio institucional da Cooperbom, Sicoob Credibom, Una Bom Despacho e CDL Acibom, reforçando a importância da cooperação entre instituições para o desenvolvimento regional.



Foto: Dênis Pereira



COOPERBOM CELEBRA O DIA MUNICIPAL DO LEITE.

Na manhã de 26 de junho, a Cooperbom promoveu, em sua sede administrativa, um encontro especial em comemoração ao Dia Municipal do Leite, reunindo cooperados, produtores rurais, autoridades e representantes de instituições parceiras em um momento de confraternização, troca de experiências e valorização da cadeia leiteira.

Participaram do evento o superintendente do Sistema Ocemg, Alexandre Gatti, o presidente e diretores do Sicoob Credibom e do Sicoob Credesp, além da diretoria da Cooperbom, representantes comerciais e lideranças locais. Durante o encontro, o diretor Carlos Humberto ressaltou a importância da data e fez uma análise do cenário atual da pecuária leiteira em Bom Despacho e região, destacando os desafios e as oportunidades para o setor.

Celebrado anualmente em 27 de junho, o Dia Municipal do Leite foi instituído para reconhecer a relevância econômica, social e cultural da cadeia produtiva leiteira, valorizando o trabalho dos produtores rurais e incentivando o consumo de leite e seus derivados.

Mais do que celebrar uma data, a Cooperbom presta homenagem a todos aqueles que, diariamente, contribuem para fortalecer a pecuária leiteira com dedicação, responsabilidade e compromisso com a qualidade. Por meio dos Laticínios Mavero, esse trabalho chega à mesa dos consumidores em forma de produtos que carregam tradição, confiança e o cuidado de quem acredita na força do cooperativismo.



FORMACOOP 2026.

Equipes de várias cooperativas da região centro-oeste participaram do FormaCoop, módulo Gestão Mercadológica, onde foram abordados conceitos e técnicas de marketing, estratégias de negócios e tendências de mercado.

NOVOS ASSOCIADOS MÊS DE JUNHO:

8 associados

- Ademir Rafael da Silva;
- Fernando Rodrigues de Sousa;
- Geraldo Marcelo da Silva;
- Igor Vicente Gontijo Santos;
- Rafael Henrique de Oliveira;
- Rafael Jacinto Lopes;
- Roberto Assis dos Santos;
- Saladino Silveira Rodrigues;

LEITE ENTREGUE NA COOPERBOM

PERÍODO: VOLUME (em litros):

Maio/2025	3.515.753
Junho/2025	3.427.615
Julho/2025	3.682.952
Agosto/2025	3.886.586
Setembro/2025	3.937.161
Outubro/2025	3.874.322
Novembro/2025	3.729.716
Dezembro/2025	3.872.774
Janeiro/2026	3.760.018
Fevereiro/2026	3.259.309
Março/2026	3.645.435
Abril/2026	3.536.963
Maio/2026	3.744.973

*Leite recebido em Bom Despacho e Estrela do Indaiá.

Queijo Minas meia cura



Instagram | produtosmavero



*Imagem meramente ilustrativa.

ANUNCIE NA REVISTA **COOPERBOM** **EM CAMPO**



f i | cooperbom.coop
www.cooperbom.com.br

**ENTRE EM CONTATO
CONOSCO E SAIBA MAIS!
(37) 98851-5591**



INFORMATIVO MENSAL
EDIÇÃO 65 | ABRIL 2026

COOPERBOM

em co



ESTRELA RENOVADA

Avaliação da
fertilidade de solos
para a produção
de forragem.

A importância
das análises de
solo, sobre o
saúde do solo.

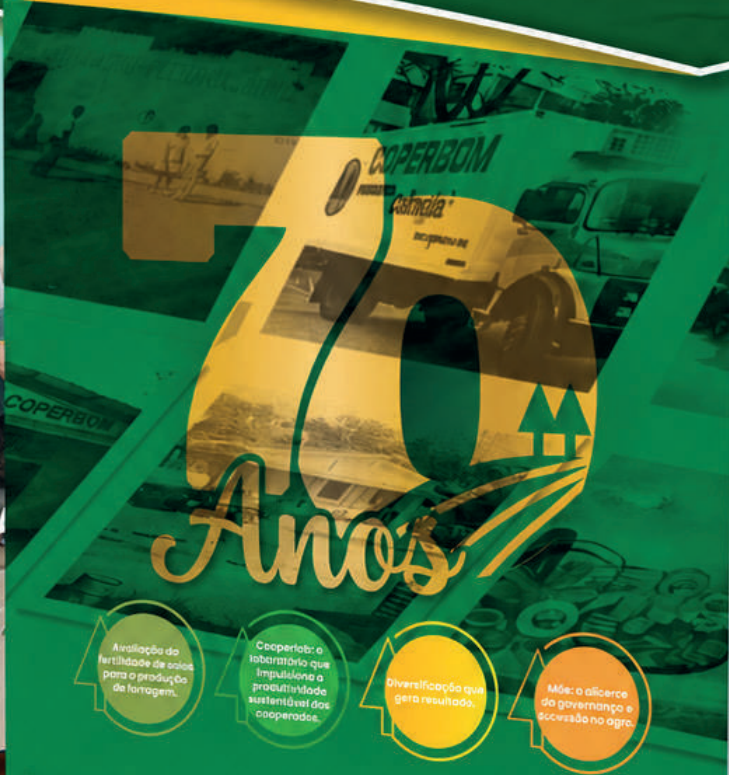
O que é ordena-
ção animal e sua
importância nas
propriedades?

Foto: Davia Fragosa

INFORMATIVO MENSAL
EDIÇÃO 66 | MAIO 2026

COOPERBOM

em campo



Avaliação da
fertilidade de solos
para a produção
de forragem.

Cooperbom: o
laboratório que
impulsiona a
produtividade
sustentável das
cooperativas.

Diversificação que
gera resultados.

Mão: o alicerce
da governança e
sucesso no agro.

Capa: Marketing Cooperbom

PLANO SAFRA 26/27

O plano do Sicoob é estar presente,
**porque crédito bom é
o que vem com confiança.**



CUSTEIO



COMERCIALIZAÇÃO



INDUSTRIALIZAÇÃO



INVESTIMENTOS



SEGURO RURAL

O Sicoob tem Plano Safra e
tudo pra ser do seu agronegócio.

Fale com seu gerente e contrate.

3521-9800

Central de Atendimento

Capitais e regiões metropolitanas: 4000 1111* | Demais localidades: 0800 642 0000

SAC 24 horas: 0800 724 4420 | Ouvidoria: 0800 725 0996 - de seg. a sex., das 8h às 20h -
ouvidoriasicoob.com.br | Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458 - de seg.
a sex., das 8h às 20h

*Caso a localidade não tenha o serviço 4000 ou 4007, informe o nº da operadora mais o
DDD 61 (0xx61 4000 1111).

Mais que uma
escolha financeira.

SICOOB
Credibom